

NOTA DE APRESENTAÇÃO

As religiões estão na ordem do dia. Por um lado, o estilo de vida das sociedades modernas altamente industrializadas, com o seu ritmo frenético, o seu apelo ao consumo, a concorrência profissional, o individualismo por vezes feroz, os acentuados contrastes e desigualdades sociais, a indiferença perante o sofrimento e a morte, exige uma maior humanização da nossa vida coletiva, convoca-nos para uma reflexão acerca do sentido último da existência e reclama uma renovação da nossa vivência espiritual. Por outro lado, na cena política internacional, alguns dos mais delicados conflitos do mundo contemporâneo vestem-se de uma linguagem religiosa, que muitas vezes não é senão o pretexto que encobre motivos e ambições de natureza bem diversa. Também as migrações de grandes grupos humanos que fogem da guerra, do sofrimento e da ausência de futuro colocam hoje novos desafios à Europa e ao mundo e obrigam-nos a repensar o convívio entre comunidades de diferentes etnias e matrizes religiosas. Tudo isto apela ao mais humano e profundo de nós mesmos e interroga a nossa cultura. Sim, porque as religiões são factos de civilização e elementos estruturantes da nossa cultura coletiva (um pensador como Hegel dizia, nas suas Lições de Filosofia da História, que a representação de Deus constitui «o fundamento geral de um povo»). Não se conhece, de resto, nenhuma sociedade que não tenha tido expressão religiosa, independentemente da forma concreta que esta assumiu e da sua maior ou menor articulação com os poderes instituídos; ao mesmo tempo, as obras de referência das grandes religiões abraâmicas, mas também algumas de confissões não teístas, místicas ou sapienciais, contam-se entre os livros mais editados, mais traduzidos, mais estudados e mais influentes da história da humanidade.

Assim, a direção da Revista de História das Ideias decidiu dedicar o número de 2018 ao tema «Religiões e Culturas». A chamada para a apresentação de artigos incluiu reflexões direcionadas para qualquer época histórica e horizonte cultural/religioso, incluindo as questões da secularização, da laicidade, das condições de observação e estudo do fenómeno religioso ao longo dos séculos, da relação entre ciência, tecnologia e religião, do ateísmo, do ensino do religioso, das formas de expressão literária e artística da espiritualidade, da conflitualidade militar de base ou de invocação religiosa, do ecumenismo e do diálogo entre culturas e no seio das religiões, entre outros temas de grande atualidade e interesse.

Tivemos o prazer de ver satisfeita uma boa parte dos nossos desafios, através de colaborações recebidas dos meios académicos e não só, o que revela a vitalidade e o enorme potencial do tema que este ano apresentamos. O volume que agora se publica reúne, por isso, mais de uma dúzia de artigos de fundo, criteriosamente selecionados (pelo sistema de peer review) entre todas as propostas recebidas e centrados em temáticas muito variadas. No seu conjunto, são aqui abordadas, entre outras, as questões das identidades religiosas (considerando não apenas as «religiões abraâmicas», mas também as chamadas «religiões do Oriente», numa enriquecedora perspetiva interconfessional), os problemas tão atuais da relação entre a pertença religiosa e a conflitualidade política e militar, ao mesmo tempo que é evocado o pensamento de figuras tão distantes no tempo ou no espaço quanto Alexandre Herculano, o cardeal D. António Ribeiro ou o papa Francisco. Não faltam, também, reflexões acerca dos caminhos e condições da secularização política, propostas para o estudo da religiosidade dos leigos numa perspetiva historiográfica abrangente, ou leituras acerca da relação entre o progresso tecnológico e o contexto religioso no Portugal oitocentista, ou sobre o fenómeno de Fátima.

A marca do historiador profissional é bem evidente em alguns destes trabalhos, mas também nos estudos que aqui se apresentam sobre o arquétipo bíblico de realza sagrada no primeiro século português, ou sobre o cerimonial litúrgico e seu aparato no tempo da «monarquia dual» ibérica. Uma alegria muito especial – devo confessá-lo – foi-me proporcionada pela exemplar entrevista conduzida por três alunos de Jornalismo e Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra a um dos maiores pensadores do nosso tempo – o Professor Andrés Torres Queiruga, um dos escassos teólogos vivos representante da grande teologia renovadora do século XX. Nesta peça se espelham, afinal, três dos objetivos deste volume 36.º da Revista de História das Ideias: a atenção a um dos grandes temas da atualidade (o lugar da religião

no καιρός em que nos coube viver); a convocação do contributo de grandes pensadores do nosso tempo; e a importância da formação e da colaboração ativa dos jovens para a construção de um mundo melhor.

O Coordenador
João Gouveia Monteiro
joao.g.monteiro@sapo.pt